

## RESENHA

NAVES, Santuza Cambraia. *Canção popular no Brasil: a canção crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Marli Rosa<sup>1</sup>

Nas últimas décadas, a canção tornou-se, na academia, um importante objeto de pesquisa para estudiosos das mais diversas áreas de Humanidades. Dois desafios surgem no trabalho com essa materialidade idiossincrática, composta pela linguagem verbal (letra) e não-verbal (música). O primeiro é o conhecimento musical demandado do pesquisador em seu trabalho de análise, como já enfatizado nos anos 1980 por Charles Perrone, em seu clássico *Letras & Letras da MPB* (PERRONE, 2008), uma vez que música e letra estão imbricadas no processo de produção de sentidos de uma canção. O segundo desafio para o pesquisador se refere aos alcances e limites de sua análise. Dos aspectos sociais, históricos, literários, políticos e antropológicos, entre outros, aos mais propriamente estéticos e artísticos, lidar com a canção é, na maioria das vezes, se colocar em meio a uma “enorme massa de temas”, que exige do pesquisador uma abordagem necessariamente multi e/ou interdisciplinar, difícil de conseguir, dadas a especialização crescente e a premência de tempo para realização das pesquisas.

Com vasta experiência em pesquisas voltadas para a música popular brasileira, Santuza Cambraia Naves tornou-se conhecida nacionalmente como autora do livro *O violão azul: modernismo e música popular* (NAVES, 1998), resultado de sua tese de doutorado homônima. Em *Canção popular no Brasil: a canção crítica*, Naves dedicou-se ao desafio de repassar boa parte da história da música brasileira do século XX e, para tanto, escolheu a canção como seu objeto específico de reflexão. E mais: buscou conceituar o que seria para ela a *canção crítica*, numa tentativa de, a partir desse afunilamento, traçar um percurso diferenciado para seu livro e uma contribuição original à área.

Para a autora, a partir do final da década de 1950 e ao longo dos 1960, a canção acabou ocupando uma posição central nos debates estéticos e culturais no Brasil que até então

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atualmente é *Fulbright Scholar-In-Residence* (SIR) na *University of Montevallo*, Estados Unidos. Contatos: mrosa@montevallo.edu.

era ocupada por outras linguagens (teatro, cinema e artes plásticas). Segundo Naves, essa forma musical seria a *canção crítica* e, por meio dela, o compositor assumiu na sociedade brasileira a posição de *intelectual*, isto é, um “artista moderno como crítico da cultura” (NAVES, p.20), em oposição à visão mais comum de intelectual como ativista político-partidário. Destacando o aspecto estético e político-intelectual, Naves estabelece a bossa nova como o momento de florescimento da canção crítica, ao destacar a relevância de nomes como João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, entre outros, e canções como “Desafinado” e “Samba de uma nota só”.

Com uma exposição ágil e que busca fugir à ordem cronológica, o texto de Naves aborda desde a bossa nova até a produção musical da primeira década do século XXI, com algumas referências a períodos anteriores, quando menciona a modinha no século XIX e o samba produzido nas décadas anteriores à bossa nova. Em relação ao primeiro desafio colocado para o pesquisador de música popular, Naves tira de letra e nos apresenta análises concisas e primorosas de canções conhecidas - e outras nem tanto - do cancionário popular brasileiro, o que representa uma contribuição importante para uma maior visibilidade desse tipo de análise que integra música e letra em seu bojo, relacionando-as, num interessante diálogo entre *forma e conteúdo*, *texto e contexto*, e dissolvendo essas categorias tidas, ainda hoje, como dicotômicas.

Já no tocante à dificuldade de lidar com a complexidade que cerca este objeto de pesquisa, apesar de a autora tentar construir seu texto a partir de um recorte conceitual interessante – a *canção crítica* – e do bom resultado final alcançado no livro, Naves, em determinados momentos da escrita, parece se perder em meio à “imensa massa de temas”. Nesse sentido, a autora pode deixar no leitor já iniciado no tema do cancionário popular um desejo não realizado de mais adensamento na exposição, especialmente em relação à produção musical cuja análise, apesar de já contar com considerável número de pesquisas realizadas e em andamento, ainda não possui referenciais bibliográficos consolidados. No entanto, essa falta de adensamento parece já ter sido justificada nas entrelinhas da introdução, quando a autora destaca que a série à qual pertence seu livro possui um “caráter reflexivo” e que o mesmo não condiz, portanto, com uma escrita monográfica.

Naves afirma ter escolhido a canção para enfoque em seu livro em função desta forma musical ter tido, em determinados momentos do século passado, uma posição hegemônica no cenário musical brasileiro, atribuída ora pelo público, ora pela crítica. Ainda na introdução, a autora destaca o papel dos meios de comunicação de massa no período em que estes contribuíram para a consolidação dessa forma musical junto à sociedade, isto é, o rádio e a televisão. No entanto, ao contrário do que seria de se esperar, a autora não tece nenhuma reflexão sobre o papel da Indústria Cultural – nos termos de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) – na construção dessa hegemonia. Essa seria uma contribuição essencial para o livro, uma vez que, em seu cotidiano, o compositor, o músico ou o intérprete, engajados ou não, vivem a contradição de sua frágil posição, já que a canção é, a um só tempo, uma realização artística e um produto cultural que atende (ou não) a determinados preceitos da Indústria Cultural e anseios do público.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. 2ª ed. Tradução de Guido Antonio de Almeida. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NAVES, Santuza Cambraia. *O violão azul: modernismo e música popular*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PERRONE, Charles A. *Letras e letras da MPB*. Edição Histórica. 2ª ed. rev. Tradução de José Luiz Machado. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

**Resenha recebida em outubro de 2012.**  
**Resenha aceita em outubro de 2012.**